

CADERNO DE POESIA II

*Dinha*¹**Oferenda**

ao malungo maloterson
ao amor eduardo
(guardador de riquezas)
aos meninos guardados
à rua inteira

minha inteira
responsabilidade
minha poesia
inteira
como parte do esforço
de vingança.

Sobre cães e cadeados

As portas
da cidade
tem zilhões
de cadeados
- um para cada madame
e seus cãezinhos de enfeite.

Porta de casa é um só.
para os seus representantes.

Poesia Relutante

Ao Mais-Novo (de pé)

Eu não quis esperar
você ir
pra fazer este poema.
Pode ser que você vá
daqui a oitenta e cinco anos.

Não importa.

¹ Maria Nilda Mota de Almeida (Dinha). Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – FFLCH-USP.

Importa
saber
que você
é porta.

Como os outros.
Se se perder,
nós também estamos todos
muitíssimo mais
que perdidos.

desachados.

desse jeito que ficamos
quando perdemos o passo
(que horizonte
era coisa do passado.
de hoje em diante
o futuro
era apenas um abismo).

Não foi assim, Belega?
foi assim quando morreu
o amigo?
não ficamos abismados?
você e eu?
não era o Bristol um abismo?
impossível dar um passo?

Não foi que nos tiraram
um abraço?
dos mais justos, dos mais
engajados?
como se tirassem pai e mãe e nos deixassem
mais que órfãos?

mutilados?

Não foi, Belega?
foi assim?
como se, súbito, o mundo
deixasse de existir?
como se a palavra
encontrada
já deixasse de ouvir?
e o companheiro amigo
nunca mais que nunca
mais?

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....?

Eu queria escrever esta carta
ao Belega menino
de anos atrás.
Que de pé, ainda estamos,
mas nos faltam muitos sonhos

e futuro
falta
cada vez mais.

Auto-retrato dela

Tem um olho lá no longe.
E dois no cotidiano.

De lambuja ainda o medo
de não ser suficiente.

Tem um olho no horizonte.
E dois outros no presente.

Nenhum compromisso de dia.
E de noite ainda
menos.

Os dois olhos no presente
e o outro
na laje da frente
não lhe permitia sonhos

pouco fundamentais.

Mas ela cantava sempre
serpente guardava os dentes
(seguro) com medo do bote.

E o boto, des-prezado,
fugia sabendo que o lago
da menina tinha dono

(e até o sono
da menina era eduardo.)

Tem um olho lá no longe
e dois no menino guardado.

Presentia que a vida
morava aqui deste lado.

Tem um olho no horizonte
e dois, na criança ao lado.

Presentia que a vida
vencia o chão do barraco.

Tem um olho no horizonte
e dois no sapato furado.

Presentia que a vida
comeria em prato raso.

Tem um olho lá no longe
e dois no PM ao lado

suspeitava que a vida
fosse falha do carrasco.

Tinha um olho no horizonte
e dois no caminho de casa.

Presentia que a vida
era história a ser contada.

Borboletas

A trupe
vinha voando,
meninos molambos
no fim da manifestação.

Menina,
Ela vinha no centro.
Bandeiras em punho
botavam terror.

Eram cômicos:
quixotes moinhando sonhos

roendo os encantos
possíveis de haver.

(E o incrível Centro Histórico
da cidade que não pára
parou pra ver).

Morrer, só se morre uma vez?